

Este livro propõe uma discussão sobre as configurações do espaço na literatura brasileira contemporânea – espaço que reflete confrontos e hierarquias sociais e que é, ele próprio, objeto de rivalidade e signo das diferenciações entre grupos e agentes. Nos textos aqui reunidos, o espaço físico em que se situam narrativas e se deslocam personagens, que é sempre simultaneamente um espaço simbólico que atribui valorações distintas a quem dele participa, é colocado em questão junto com o campo literário, espaço metafórico em que ocorrem a movimentação e os embates de suas/seus agentes – autoras/es, leitoras/es, editoras/es, críticas/os, tradutoras/es, livreiras/es etc. Neste sentido, mais do que apenas buscar os modos como o espaço aparece representado na literatura brasileira contemporânea, procura-se discutir as tensões estabelecidas a partir de relações conflituosas com o espaço vivenciadas dentro e no entorno das obras.

Ao pensar a cidade, palco quase exclusivo da produção literária contemporânea, parte-se do princípio de que ela não é um espaço homogêneo, mas fragmentado e, sobretudo, hierarquizado, marcado por interdições tácitas, que definem quais habitantes podem ocupar quais lugares. Na base destas hierarquias urbanas, estão as principais assimetrias sociais – vinculadas a classe, sexo, raça, orientação sexual, idade, deficiência física. É importante, então, observar de que forma a literatura brasileira contemporânea reage a essa situação.

**ZOUK**  
editora

ESTUDOS DE  
LITERATURAS  
CONTEMPORÂNEAS



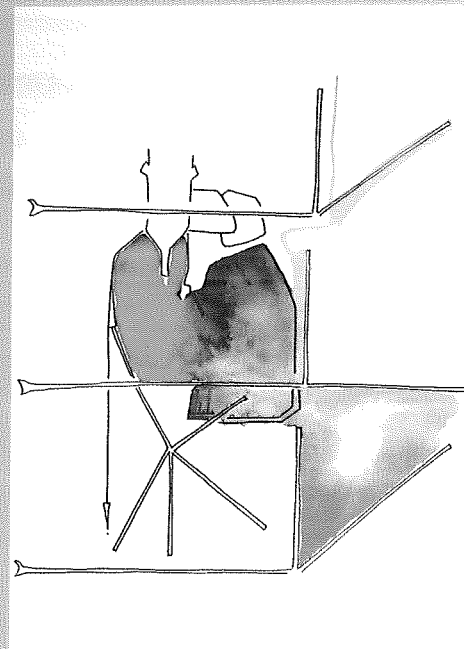
ESPAÇOS POSSÍVEIS NA LITERATURA  
BRASILEIRA CONTEMPORÂNEA

Regina Dalcastagnè  
Luciene Azevedo (orgs.)

N

Regina Dalcastagnè  
Luciene Azevedo  
(organizadoras)

# ESPAÇOS POSSÍVEIS NA LITERATURA BRASILEIRA CONTEMPORÂNEA



**ZOUK**  
editora

Não temos como pensar a existência sem pensar sua relação com o espaço. Não apenas o espaço físico, no qual nossa corporalidade se estabelece, mas sobretudo o espaço social, reconfigurado por práticas que o ressignificam e que fazem dele um campo de conflito. Ao mesmo tempo em que as novas tecnologias e a chamada "globalização" diminuem as distâncias em nível planetário e nos fazem partilhar um espaço comum, as assimetrias e exclusões se renovam. O espaço urbano, em particular, é disputado por aqueles que querem ter acesso a ele, em sua integralidade, e aqueles que gostariam de mantê-lo com privilégio.

Nos estudos literários, a discussão também está presente – uma vez que o espaço é, também, uma categoria central das narrativas e da composição das personagens. Na medida em que novas vozes sociais conseguem ingressar no campo literário, mesmo que ainda de forma tímida e contestada, essas disputas se tornam mais evidentes nos próprios textos. Temos aqui uma duplicação: o campo literário, espaço metafórico de disputas simbólicas, reflete também as diferentes compreensões e apreensões do espaço social ao qual pertence.

Os capítulos que formam esta coletânea discutem este problema a partir de ângulos diferentes, sempre tendo como referência a literatura brasileira contemporânea. Seus autores e autoras são pesquisadores de diferentes universidades do Brasil e do exterior, que partem de percepções teórico-metodológicas diversas, mas têm em comum a sensibilidade para o diálogo necessário

E L  
S I  
T T  
U E  
D R  
O A  
S T  
U  
D R  
E A  
S

## CONTEMPORÂNEAS

Esta coleção abarca diferentes olhares sobre a literatura contemporânea, seja a brasileira, seja a que vem sendo produzida em outros países. Ela se caracteriza pela abertura a diferentes abordagens teóricas e metodológicas, e pelos estudos sobre diferentes gêneros, que possam compor um painel multifacetado da produção cultural dos dias de hoje. Em particular, a coleção é sensível à busca de novos meios de transmissão da expressão literária, tanto pela revalorização da tradição das poéticas orais, por exemplo, quanto pela incorporação das tecnologias mais recentes. Estará em perspectiva, também, a posição da obra literária e de suas criadoras e criadores em meio aos enfrentamentos políticos e sociais da atualidade.

Regina Dalcastagnè  
Luciene Azevedo  
(organizadoras)

**ESPAÇOS POSSÍVEIS NA  
LITERATURA BRASILEIRA  
CONTEMPORÂNEA**

**Coordenadores da coleção**

João Ricardo Xavier (Zouk)  
Regina Dalcastagnè (UnB)

**Conselho editorial da coleção**

Alckmar Luiz dos Santos (UFSC)  
Ângela Maria Dias (UFF)  
José Leonardo Tonus (Universidade Paris-Sorbonne)  
Leila Lehnen (Universidade do Novo México - EUA)  
Lucía Tennina (Universidade de Buenos Aires)  
Luciene Almeida de Azevedo (UFBA)  
Maria Zilda Ferreira Cury (UFMG)  
Ricardo Araújo Barberena (PUC-RS)

**ZOUK**  
editora

Regina Dalcastagnè  
Luciene Azevedo  
(organizadoras)

**ESPAÇOS POSSÍVEIS NA  
LITERATURA BRASILEIRA  
CONTEMPORÂNEA**

1ª edição

Porto Alegre  
2015

**ZOUK**  
editora

Projeto gráfico e Edição: Editora Zouk  
Imagem da Capa: Rafael Moralez

Este livro segue as regras do Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, em vigor no Brasil desde 2009.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Maurício Amormino Júnior, CRB6/2422)

D138e

Dalcastagnè, Regina.

Espaços possíveis na literatura brasileira contemporânea / Organizadoras Regina Dalcastagnè, Luciene Azevedo. – Porto Alegre (RS): Zouk, 2015. – (Estudos de Literaturas Contemporâneas)  
302 p. : il. ; 12 x 20 cm

Inclui bibliografia.  
ISBN 978-85-80490-32-9

1. Literatura brasileira – História e crítica. I. Azevedo, Luciene.  
II. Título.

CDD-B869.09

Este livro foi apoiado com recursos da Chamada Universal – MCTI/CNPq 14/2013.



direitos dos textos reservados aos autores  
direitos da publicação reservados à  
Editora Zouk  
r. Garibaldi, 1329. Bom Fim.  
90035.052. Porto Alegre, RS.  
f. 51. 3024.7554

você também pode adquirir os livros da zouk pelo  
[www.editorazouk.com.br](http://www.editorazouk.com.br)

## Sumário

|  |     |
|--|-----|
| <b>Apresentação</b><br>Regina Dalcastagnè e Luciene Azevedo  | 11  |
| <b>MAPAS CONTEMPORÂNEOS</b>  |     |
| <b>Topografias literárias e mapas mentais: a sugestão de espaços geográficos e sociais na literatura</b><br>Georg Wink | 21  |
| <b>Microfísica dos poderes: as topografias fragmentárias da literatura brasileira contemporânea</b><br>Roberto Vecchi  | 35  |
| <b>Regimes de espacialidade na literatura brasileira contemporânea</b><br>Luis Alberto Brandão                         | 55  |
| <b>Quando a literatura brasileira contemporânea não se encontra na contemporaneidade</b><br>Ricardo Barberena          | 67  |
| <b>ESPAÇOS EM DISPUTA</b>  |     |
| <b>VI. A cidade como uma escrita possível</b><br>Regina Dalcastagnè  | 85  |
| <b>VII. Superfícies impróprias: Ferréz e a figuração da geografia metropolitana</b><br>Paulo C. Thomaz                 | 101 |

**Cartografias móveis:  
mapeando as margens na  
literatura brasileira contemporânea** 107  
Leila Lehnen

## LUGARES DA SUBJETIVIDADE

**Espaços na e da clandestinidade** 139  
José Leonardo Tonus

**Os livros como herança: a  
biblioteca da imigração na literatura brasileira** 157  
Maria Isabel Edom Pires

**Entre o corpo e o livro:  
*Passageiro do fim do dia*, de Rubens Figueiredo** 171  
Stefania Chiarelli

## ESPAÇOS CRÍTICOS

**Direito e dever: alguns  
problemas sobre o lugar da  
leitura na narrativa brasileira contemporânea** 181  
Anderson Luís Nunes da Mata

**Sátira e desterritorialização  
na obra de Ricardo Lísias** 195  
Ângela Maria Dias

**Figurações do secreto: o  
espaço da escrita na prosa brasileira recente** 217  
Igor Ximenes Graciano

## CAMPO LITERÁRIO

**Daniel Galera. Profissão: escritor** 235  
Luciene Azevedo

**O espaço do sistema literário  
brasileiro contemporâneo nos  
intercâmbios culturais transnacionais** 265  
M. Carmen Villarino Pardo

**Literatura em trânsito: notas sobre  
edições e traduções entre Brasil e Argentina** 287  
Paloma Vidal

## O espaço do sistema literário brasileiro contemporâneo nos intercâmbios culturais transnacionais

M. Carmen Villarino Pardo<sup>1</sup>

No texto da Introdução ao número especial da revista *Granta: os melhores jovens escritores brasileiros* (julho 2012, edição em português), Roberto Feith e Marcelo Ferroni (2012, p. 9) comentam: “O Brasil vive hoje um momento especial na literatura”, para indicar que, depois da escassa presença de autores brasileiros publicados fora do país nas últimas duas décadas,

hoje, entra-se gradualmente no mapa da literatura mundial; contamos com um programa mais consistente de apoio à tradução, editoras e agentes estrangeiros demonstram interesse em encontrar novos talentos escrevendo em português, e, com a escolha do Brasil como país homenageado na Feira de Frankfurt em 2013, a tendência é que mais escritores sejam reconhecidos internacionalmente. (Feith/Ferroni, 2012, p. 9.)

Praticamente nas mesmas datas, a agora agente literária Luciana Villas-Boas comentava – a propósito da participação do Brasil como país convidado em feiras internacionais do livro como Frankfurt 2013 – que “somos um raro caso de país que não consome a literatura local” (Cozer, 2013).

Para entender afirmações como estas, que parecem não responder unicamente a interesses de agentes concretos do campo literário, analisamos algumas das dinâmicas que funcionam no sistema literário brasileiro contemporâneo.

---

<sup>1</sup> Professora titular de literatura brasileira da Universidade de Santiago de Compostela e pesquisadora do grupo Galabra.

## O debate não é novo

Em meados da década de 1970 encontramos na mídia brasileira um debate centralizado na defesa do autor nacional, depois do chamado (e questionado) “boom literário de 1975”, e no meio a outras reclamações mais gerais que pediam o fim da censura e da ditadura no país.

Artigos de imprensa e debates (em Porto Alegre e no Rio de Janeiro, entre outros, nos anos 1975, 1976 e 1977) discutem a escassa atenção dada ao escritor brasileiro por parte de editoras e outras instituições do país; e, como manifestou Edla Van Steen no seu regresso da Feira de Frankfurt em 1977, “o escritor brasileiro praticamente também não existe fora das fronteiras do país” (Villarino Pardo, 2000, p. 247). Constatavam, em vários níveis, que a visibilidade de produtores e produtos literários era escassa no exterior e que, nas fronteiras do próprio país, também se consumiam poucos livros de autores brasileiros. Em palavras do escritor José Edson Gomes<sup>2</sup> (*apud* Antônio, 1976):

No Brasil o nacionalismo ainda não chegou à literatura. Enquanto que na música popular se nota uma preferência nítida pela volta às raízes, pelo cantor nacional de boa qualidade, este fenômeno ainda não se registrou na literatura. Com raras exceções os livros mais vendidos são sempre de autor estrangeiro e, em grande parte, uma tralha infra-literária.

O debate é amplo e prolonga-se no tempo até à atualidade, com outros matizes derivados, em parte, de novas dinâmicas dentro do campo literário e das mudanças no espaço social. Em inícios da década de 1980 o mercado editorial brasileiro iniciou a sua consolidação e expansão e, para o escritor João Antônio (1982, p. 60), “já não se pode dizer que é sempre mau negócio lançar ficção de autor nacional”; ainda que os dados do campo editorial não traduzissem essa

2 O comentário é de um autor de três livros de contos publicados naquela altura (*As sementes de Deus, Os ossos rotulados e O ovo no teto*), com certa repercussão entre a crítica, e que “como acontece à maioria dos autores nacionais, praticamente desconhecido do público” (Antônio, 1976).

percepção em um crescimento em termos de mercado (Reimão, 1996, p. 77-96).

Ainda nos inícios da década de 1990, Deonísio da Silva reclamava num *Encontro de Escritores em Passo Fundo*, em 1991, a necessidade de conquistar um lugar para os livros brasileiros nas prateleiras de livrarias e bibliotecas, “com as nossas livrarias infestadas de um lixo cultural, de um lixo literário estrangeiro de baixa qualidade”; e acrescentava: “a literatura brasileira está numa luta feroz para conseguir espaço, para abrir espaço” (Silva, 1991, p. 26).

Nas últimas décadas vimos assistindo a um processo de conquista de uma, aparente, maior autonomia para o campo literário brasileiro. Evidenciou-se uma vitalidade crescente do mercado editorial (no volume de produtos em circulação, na profissionalização, na mediação), a diversificação e alargamento do número de consumidores, maior nível de profissionalização e complexidade da instituição (no sentido em que propõe Even-Zohar), alargamento do repertório e profissionalização de uma boa parte dos produtores literários. Sem esquecer, no entanto, a presença também forte “de livros de literaturas estrangeiras que são traduzidos e consumidos no Brasil” (Santiago, 2008, p. 66).

Ao mesmo tempo, essas considerações sobre “autonomia” e “heteronomia” em relação a um campo (de acordo com a proposta de Bourdieu) adquirem novas dimensões numa perspectiva mais ampla em que se focam espaços e dinâmicas globais/mundiais; de modo que, como se evidencia nos últimos anos, é cada vez mais frequente a discussão sobre a pertinência ou não de etiquetas como “literatura nacional” e “literatura mundial” (“literatura-mundo”).

O livro de Pascale Casanova, *La République Mondiale des Lettres*,<sup>3</sup> e trabalhos publicados nos EUA entre 2000 e 2006 por Franco Moretti e David Damrosch, entre outros, têm alimentado esse debate em relação à ideia de literatura

3 Referimos o texto publicado inicialmente na França em 1999, a tradução para o inglês nos EUA em 2004 – *The World Republic of Letters* – e a reedição em francês, em 2008, revista e corrigida, com um “Préface Inédite” da própria autora nas Éditions du Seuil, que utilizamos.

mundial, especialmente no âmbito dos estudos comparatistas dos últimos anos.<sup>4</sup>

Casanova – que não abandona uma perspectiva nacional nessa visão que parte da tradição francesa – introduz a noção de “capital literário nacional” e defende que “as literaturas não são a emanação de uma identidade nacional; constroem-se na rivalidade (sempre negada) e em lutas literárias, sempre internacionais” (Casanova, 2008, p. 64, tradução nossa).

Num trabalho posterior, de 2011, a autora volta ao conceito de “ancienneté” e aos modos de construção em relação aos espaços nacionais e afirma que “o capital cultural nacional está constituído principalmente por tempo acumulado, transformado em recursos” (Casanova, 2011, p. 15, tradução nossa). Esse capital cultural (“forma de passado acumulado”) é entendido, em boa medida, como um bem (Even-Zohar, 2011) de uma nação, como uma riqueza particular que integra o seu patrimônio (Casanova, 2011, p. 15).

Além de estar excessivamente centrada na tradição francesa e de exibir uma perspectiva em parte reducionista, a autora mostra (e justifica, por critérios práticos de análise) uma divisão entre dois tipos de sistemas literários:<sup>5</sup> “as literaturas maiores”, “as mais antigas” (entendidas também como sistemas literários mais autônomos, nas relações entre produção literária e condições políticas da nação) e “literaturas emergentes”, “literaturas menores/pequenas” (em que o grau de autonomia seria muito menor entre o campo literário e o

4 Cf., entre outros, o especial da revista *Ínsula* 787-788, de julho-agosto de 2012.

5 Casanova (2011, p. 29-30) recupera uma distinção próxima, mais simples, esboçada por Kafka em escritos para jornais em 1911 (entre as grandes e as pequenas literaturas – próxima, em nossa opinião, com a de Antonio Candido); continuada, mais tarde, por T.S. Eliot (literaturas maduras/imaduras), Marcel Mauss (nações jovens/antigas), Deleuze e Gattari (literaturas menores/majores) e de que seriam continuadores, entre outros, Franco Moretti (centro/periferia/semiperiferia) e a própria Casanova (literaturas dominantes/dominadas; literaturas autônomas/heterônomas).

campo do poder político) (Casanova, 2011, p. 22).

A historiografia literária brasileira mostra um capital temporal acumulado menor que outras tradições literárias, o que, se assumirmos a proposta da pesquisadora francesa, colocaria o sistema literário brasileiro – numa visão geral – entre as “literaturas emergentes/menores/pequenas”. E ainda segundo ela, um dos traços marcantes destes sistemas é “a politização sob a forma nacional ou nacionalista” (Casanova, 2008, p. 272).<sup>6</sup>

Tem-se dito que a produção literária brasileira tratou de modo majoritário, durante décadas, de assuntos ligados “ao nacional” e que essas tendências repertoriais teriam sido uma dificuldade para a sua circulação no exterior. Silviano Santiago, ao qualificar em 2002 a literatura brasileira como “anfíbia” (um híbrido entre arte e política) assinalava os obstáculos que essa proposta implica para a recepção destes textos por um público estrangeiro (Santiago, 2008, p. 64-73).<sup>7</sup>

### O Brasil nos fluxos literários e culturais “transnacionais” na atualidade

Para a socióloga Gisèle Sapiro (2009), a crescente unificação do mercado mundial da tradução (e o papel das feiras internacionais do livro, cada vez mais numerosas) foi fundamental para o desenvolvimento do mercado editorial de numerosos países cujos modos de produção eram ainda precários e dependentes do campo do poder político e para uma intensificação de intercâmbios, como mostra o cres-

6 “A importância do tema nacional ou popular numa produção literária nacional seria, sem dúvida, a melhor medida do grau de dependência política de um espaço literário” (Casanova, 2008, p. 274, tradução nossa).

7 “O leitor estrangeiro, no seu radicalismo disciplinar, tende a comprar e ler – em complemento à obra exclusivamente política, às vezes de teor demagógico – a obra literária pura. Esta dramatiza os pequenos grandes dramas humanos com rigor estilístico e delicadeza psicológica. No seu universalismo e aristocratismo confessos, essa obra é desprovida de qualquer vínculo originário com a cultura nacional onde brota.” (Santiago, 2008, p. 70).

cente número de traduções a nível mundial.

O Brasil, incorporado nestes últimos anos à etiqueta dos novos países emergentes (BRIC), tem-se posicionado não apenas nos *rankings* de potências econômicas mundiais, como também vem mostrando um interesse por traduzir essa visibilidade em outros terrenos (desportivo, cultural, mediático, editorial etc.). A imagem internacional do país resulta cada vez mais atrativa culturalmente no exterior. Entre os vários índices de medição, o do *Country Brand Index Latinoamérica* para 2013, elaborado por Future Brand, mostra o Brasil em primeiro lugar entre os 21 países da região analisados.<sup>8</sup> Arte e cultura aparecem, nesses estudos, como elementos fulcrais da imagem (positiva) do Brasil no exterior.

E, cada vez mais, as atividades ligadas à Cultura aparecem como estratégicas dentro e fora do país.<sup>9</sup> O Brasil representa o nono mercado editorial a nível mundial, segundo dados da International Publishers Association-IPA,<sup>10</sup> para 2012. No Brasil, anualmente é publicada uma pesquisa sobre “Produção e Vendas do Setor Editorial Brasileiro”, da Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas da Universidade de São Paulo (FIPE/USP) – sob encomenda da Câmara Brasileira do Livro (CBL) e do Sindicato dos Editores de Livros (SNEL) – que oferece dados para compreender o mercado, visualizar tendências e poder planificar estratégias.<sup>11</sup>

Essa atenção ao mercado e ao campo editorial é perceptível também na visibilidade crescente da literatura brasileira no exterior, em que se observa uma maior presença e

8 Ver: [http://eefuturebrand.lampdev.cmgrp.com/images/uploads/studies/cbi/CBI\\_Latinoamerica\\_2013.pdf](http://eefuturebrand.lampdev.cmgrp.com/images/uploads/studies/cbi/CBI_Latinoamerica_2013.pdf)

9 Ver: <http://www.brasil.gov.br/cultura/2013/02/economia-criativa-cresce-mais-que-o-pib-no-brasil>

10 Ver: <http://www.internationalpublishers.org/>

11 A última – de julho de 2013 – mostrou que as editoras brasileiras tiveram um incremento no faturamento de 2012, mesmo com uma queda nas vendas de livros em relação ao ano anterior (<http://www.cbl.org.br/telas/noticias/noticias-detalhes.aspx?id=2080>).

envolvimento de instituições públicas e privadas.

A entrada em vigor em 2008 do convênio *Brazilian Publishers*<sup>12</sup> mostrou a protocolização de uma aliança entre interesses ligados ao setor do livro e às exportações (Villarino Pardo, 2010, 2012). Determinadas ações promovidas nos últimos anos a partir do Ministério da Cultura – fundamentalmente através da Fundação Biblioteca Nacional (FBN) – reforçaram o projeto de internacionalizar a literatura brasileira. Nesse processo, a visibilidade do Brasil em feiras internacionais do livro (especialmente quando foi “Convidado de Honra”) converteu-se num tema central.<sup>13</sup>

Os fluxos do mercado mundial do livro e, de modo particular, os da tradução (não apenas de obras literárias), como observou Sapiro (2009, p. 275), regem-se por três tipos de lógicas: econômicas, políticas e culturais. Movimentos que não devem ser reduzidos a imperialismos econômicos, mas que não podemos deixar de ter presentes ao analisarmos o caso atual do Brasil.

Estas reflexões servem-nos para entender melhor um debate que, durante 2013, esteve presente na mídia e em um determinado setor da opinião pública brasileira em relação à participação do Brasil na Feira Internacional do Livro de Frankfurt em outubro de 2013: quem deveria arcar com essas despesas e a quem beneficiava esse investimento; polémicas que se ampliariam, depois, em relação aos nomes escolhidos para a lista de autores/as convidados/as.

Essas questões fazem parte de uma discussão mais ampla que nos interessa para o debate acadêmico que aqui propomos: *Que significa participar de feiras internacionais do livro como País convidado?*

Para alguns dos diferentes *macrofatores* que integram o sistema literário brasileiro é uma oportunidade de visibilizar, quando menos, os processos atuais de produção, circulação e recepção da produção literária brasileira contempo-

12 Trata-se de uma parceria da Câmara Brasileira do Livro (CBL) e da Agência Brasileira de Promoção de Exportações e Investimentos (Apex Brasil). Ver: <http://www.brazilianpublishers.com.br/>

13 Ver, por exemplo, Pansa (2013).

rânea. Membros da instituição (no sentido que Even-Zohar dá ao termo, e que inclui editores, críticos, academia, mídia, Academia Brasileira de Letras etc.), mercado e produtores mostram, quando menos neste século XXI, um forte nível de profissionalização que se visibiliza, em parte, nos fluxos do próprio mercado interno.

Esse sistema literário brasileiro participa, no nível internacional, de um espaço de lutas em que cada tradição “dita nacional” entra em confronto com outras num espaço comum (mundial) para atingir posições de maior ou menor centralidade se observadas a partir do *promontoire* mundial, como sinala Casanova (2011).<sup>14</sup> De modo que, segundo ela,

cada espaço nacional (portanto, na esfera literária, cada escritor que carrega a marca) é fortemente definido pelo lugar que ocupa na estrutura mundial na qual ele é confrontado com toda a estrutura do poder tal e como esta se mostra no momento da observação. (Casanova, 2011, p. 21, tradução nossa.)

Daí surge uma nova pergunta: nesses novos espaços de disputas, como se situam atualmente a produção literária brasileira e os seus produtores?

Para tentar, em parte, responder, escolhemos um caso concreto a partir da matéria publicada por Suzana Velasco no dia 11 de maio de 2013, no jornal *O Globo*, intitulada “Brasil para alemão ler”, onde se apresenta uma radiografia do aumento de traduções de obras literárias brasileiras para o alemão entre 2010 e 2013, no período compreendido entre o anúncio do Brasil como país homenageado da Feira de Frankfurt em 2010 e o momento de publicação do artigo.

Na reportagem indica-se que agentes do mercado alemão tentaram encontrar “o grande livro brasileiro” e traduziram em torno a quarenta novos títulos para mostrar a produção atual brasileira no país. Os depoimentos de tradutores e editores indicam um panorama em que as dificuldades aparecem por conta do escasso conhecimento da produção literária brasileira e das dificuldades derivadas do pouco

14 Em alusão a uma proposta de F. Braudel (in Casanova, 2011, p. 12).

conhecimento da língua. O que, se observarmos trabalhos de Sapiro em relação a este tipo de fluxos (2008, 2009), não seria um caso singular no mercado mundial das traduções.<sup>15</sup>

Do “assunto de mercado alemão” tratado no artigo de Suzana Velasco (e em parte também no de Weisse, 2013), podemos entender várias das diferentes estratégias de aposta à hora de editar um autor estrangeiro.<sup>16</sup> Modos diferentes de circulação que observamos em relação aos autores e autoras por ela referidos: Ruffato, Saavedra, Galera e Lisboa.

A aposta editorial no caso de Daniel Galera foi ambiciosa e previa a distribuição de três mil e quinhentos exemplares entre livreiros da Suíça, Áustria e Alemanha antes do lançamento, com tiragem de dez mil exemplares. Sabemos que a editora pagou 18.000 euros ao autor para publicá-lo, “cifra bem alta para os padrões brasileiros” (Conti, 2012). Trata-se de uma obra que se insere num processo internacional de compra de direitos autorais para várias línguas; uma edição que situa no circuito de grande produção a obra de Galera.

Para o editor da conhecida Suhrkamp alemã, Frank Wegner, a compra de direitos de *Barba ensopada de sangue*, de Galera – cuja tradução saiu em agosto de 2013 – se deveu, basicamente, ao fato de se tratar de um livro que se “afasta” “de questões mais estereotipadas do Brasil: É um livro brasileiro, mas não tipicamente brasileiro. Além de bem escrito, se encaixa no gosto alemão”.<sup>17</sup>

Um motivo parecido foi esboçado por Martin Hiels-

15 Estudos recentes (Casanova, 2008; Sapiro/Heilbron, 2008, entre outros) coincidem em assinalar as relações desiguais de força entre línguas no sistema mundial de relações culturais, evidenciando que “as traduções circulam principalmente do centro para a periferia, as línguas centrais, como o inglês (em posição hipercentral), o francês e o alemão, anteriormente o russo, servindo também como idiomas veiculares entre as línguas periféricas” (Sapiro/Heilbron, 2008, p. 282, tradução nossa).

16 Sapiro analisa em profundidade o funcionamento de textos estrangeiros traduzidos, nomeadamente na França, no trabalho “Coleções de Literatura Estrangeira” (2008, p. 175-209).

17 Essa visão aparece também, por exemplo, na matéria “Diversidade literária brasileira em destaque na lit. Cologne” (Weisse, 2013.).

cher, editor para o alemão dos livros de Carola Saavedra na “tradicional C.H. Beck” (Velasco, 2013). Hilscher comenta, no citado artigo, que para o projeto de venda (de mais de 3000 exemplares) do romance *Paisagem com dromedário* de Saavedra conta com “a universalidade de seus temas e linguagem, e não com algum traço de brasilidade do romance” (Velasco 2013), além de ter sido indicado pela agente Nicole Witt e pela tradutora Maria Hummitzsch e de Saavedra contar com o capital simbólico de estar incluída no especial da *Granta* de jovens autores brasileiros (como também Galera). Para a autora da reportagem, uma das conclusões é clara: “Estilo ‘internacional’ é valorizado” (Velasco, 2013).

O caso de Saavedra parece evidenciar uma proposta que não espera um sucesso imediato, ainda que se tenha feito um investimento importante no número de exemplares em circulação. Aparece incluída, como indicou o editor alemão, numa linha específica da editora, destinada a livros traduzidos: “Nosso programa de capa dura tem dez livros estrangeiros por ano, não é para literatura passageira” (Velasco, 2013).

Outra das obras referidas é *Sinfonia em branco*, de Adriana Lisboa, que ocupa posições centrais no mercado brasileiro e tem uma notável projeção internacional (em parte, derivada do trabalho da sua agente literária, Nicole Witt, da prestigiada agência fundada por Ray-Güde Martin). Suzana Velasco assinala que a agente

tentava vender o livro para a Alemanha desde 2003, mas só conseguiu que uma editora lesse a tradução americana após a escolha do Brasil como convidado em Frankfurt.<sup>18</sup> (Velasco, 2013.)

Esta publicação parece mostrar um outro caso, o do “efeito trampolim” – se assim puder ser chamado –, porque chega ao alemão na editora Aufbau depois de ter tido já uma tradução para o inglês nos EUA e favorecido pelo fato

18 Em entrevista recente, vemos algumas das suas opiniões sobre a tradução de línguas como o português. Cf. <http://www.deltazero.org.br/?p=1523>.

de o Brasil ser o alvo das homenagens centrais da Feira de Frankfurt em 2013, segundo comenta a sua agente literária (Velasco, 2013). É pouco frequente que o livro brasileiro tenha primeiro uma tradução para o inglês – no caso, nos EUA (2010) – e depois para uma outra língua.

Outro dos casos citados na matéria do jornal é o das traduções para o alemão de Luiz Ruffato, pela “pequena” (Velasco, 2013) editora Assoziation A, com tradução de Michael Kegler. Com agente literária em Berlim (Anja Saille Literary Agency), o autor mineiro apresentou em 2012 *Eles eram muitos cavalos* em alemão (*Es waren viele pierde*) em Frankfurt, Berlim, Munique, além de na Suíça e na Áustria,<sup>19</sup> e, em 2013, a mesma editora e com tradução também de Kegler,<sup>20</sup> apostou na edição de *Mamma, son tanto Felice* (*Mama, es geht mir gut*) – o primeiro volume de *O inferno provisório*. Representou, uma aposta a meio prazo de uma editora (considerada independente) num autor para o consolidar num catálogo<sup>21</sup> na língua estrangeira de recepção.

O caso de Ruffato acabou tornando-se diferente dos outros pelo fato do autor ter sido indicado (em finais de junho de 2013) como um dos responsáveis pelo discurso de abertura da participação brasileira na mesma e pela repercussão e polêmica que esse discurso (do dia 8 de outubro) acabou tendo. O capital simbólico que Ruffato foi incorporando ao catálogo dessa editora é um dado relevante para

19 Cf. entre outros, <http://www.taz.de/1/berlin/tazplan-kultur/artikel/?ressort=ku&dig=2012%2F11%2F13%2Fa0092&cHash=869192c3546790e53b72311aaec39aba>; <http://conexoedita-cultural.org.br/noticias/luiz-ruffato-lanca-livro-na-alemanha/>; <http://conexoedita-cultural.org.br/sem-categoria/luiz-ruffato-e-tema-de-reportagens-na-suica-e-austria/>. A estadia contou com apoio do “Programa de Intercâmbio de Autores Brasileiros no Exterior” da FBN (<http://www2.cultura.gov.br/site/2012/10/30/programa-de-apoio-a-traducao-2/>).

20 Um dos nomes de tradutores alemães com várias obras brasileiras presentes no mercado alemão do último ano.

21 Em palavras de Velasco (2013) “uma aposta na consolidação do escritor”, porque a edição do livro anterior não superou os 1200 exemplares até meados de 2013.

essas edições; mas não é objeto agora do nosso trabalho.<sup>22</sup>

O artigo de Velasco aponta a importância que editores e tradutores<sup>23</sup> dão ao novo programa de apoio para a tradução de autores brasileiros da Fundação Biblioteca Nacional, em que se insere a maioria dos títulos que saíram em alemão no período pré-Frankfurt 2013 e no decurso da própria Feira.<sup>24</sup>

Nesta breve abordagem, percebemos como no desembarco de textos brasileiros para o alemão – à espera de uma análise mais pormenorizada sobre o campo da literatura traduzida na Alemanha – também se observam várias dinâmicas de funcionamento desses produtos em circuitos diferentes; de modo geral, num circuito de produção restrita.

Nos movimentos do mercado mundial de livros e de traduções, os produtos inseridos no chamado campo de produção restrita (como sugeriu Bourdieu e tratou Sapiro ao analisar as coleções editoriais de livros traduzidos) não costumam ter um retorno econômico imediato e, em numerosos casos, são publicados em pequenas casas editoriais, ficando em geral em catálogos que têm pouco dinamismo e que criam um fundo com parte dessas obras. Neste setor, há uma maior presença de capitais de tipo simbólico<sup>25</sup> do que econômico e, em geral, os diferentes agentes intermediários também ficam mais no âmbito do primeiro do que do segundo. Como mostra Sapiro (2009, p. 284, tradução nossa): “Por causa do seu baixo rendimento, este setor recorre

22 Noutro momento do projeto em que este trabalho se insere tentamos focar a repercussão dessas notícias publicadas na imprensa brasileira e internacional – com a tradução e publicação do discurso, em íntegra, em meios de diferentes países.

23 Este consenso, de modo geral, voltou a ser evidenciado nos diferentes encontros da programação do Brasil na Feira de Frankfurt de 2013.

24 Pode-se consultar, em pdf, o arquivo completo dessas traduções em: <http://brazil13frankfurtbookfair.com/pt-br/release/catalogo-de-livros-brasileiros-traduzidos-para-o-alemao/>.

25 Em ocasiões, como sugere a própria Sapiro (2008, p. 181, tradução nossa), “as traduções literárias podem ser, de fato, para uma Editora desprovida de capitais, um meio de acumular capital simbólico, de ‘construir uma credibilidade’”.

com frequência a ajudas de organismos públicos ou privados”.

Esse crescente interesse do mercado alemão em títulos da produção literária brasileira – de que o artigo do jornal *O Globo* é uma amostra – muito provavelmente está marcado pela condição de Convidado de Honra do Brasil na Feira Internacional de Frankfurt em 2013<sup>26</sup> e pelo apoio do citado Programa da FBN; e haverá que observar qual é a tendência dos próximos anos. O temor tem sido manifestado, entre outros, por autores, editores, tradutores e agentes literários, não apenas em relação ao mercado alemão como também, de modo geral, ao cenário internacional.

Este tipo de programa está presente em numerosos países, especialmente a partir dos anos 1980 e até à atualidade. Na opinião de Gisèle Sapiro, a crescente influência das lógicas de mercado sobre os intercâmbios culturais internacionais têm feito com que os Estados reorientem as suas políticas de exportação (Sapiro, 2008, p. 12). Ela se refere, de modo concreto, às ajudas à exportação do livro e à tradução como dinâmicas que favorecem os intercâmbios de caráter econômico nestes âmbitos. Coincindo, em boa medida, com ela em considerar a tradução de obras de um sistema literário “nacional” como “pedra angular da presença cultural no estrangeiro e ‘apoio para intercâmbios culturais’” (Sapiro, 2008, p. 12, tradução nossa).

A participação de determinados organismos de caráter estatal neste tipo de processo tem feito com que, em diversas ocasiões, esse trabalho tenha sido interpretado, de certo modo, como de agentes literários que intervêm nas lógicas do mercado e que interferem, de modo heterônomo, nas dinâmicas do campo literário.

A revista *Machado de Assis Magazine. Brazilian Lite-*

26 Cf. “Literatura brasileira no exterior: problema dos editores?” (Lindoso, 2013) em relação a movimentos recentes sobre as políticas do livro, da leitura e da internacionalização da literatura brasileira ligados a políticas do Ministério da Cultura e da Fundação Biblioteca Nacional.

*ature in Translation*<sup>27</sup> poderia ser entendida nesse sentido. É uma iniciativa da Fundação Biblioteca Nacional (MinC) em coedição com Itaú Cultural, Imprensa Oficial do Estado de São Paulo e Ministério das Relações Exteriores do Brasil. A revista circula desde 2012 (o último número foi apresentado durante a Feira de Frankfurt de 2013) e apresenta textos traduzidos para o inglês e o espanhol de autores/as brasileiros/as escolhidos por uma comissão editorial, com a prévia publicação de um edital. O objetivo é facilitar a mediação com o mercado internacional, através de um espaço para superar algumas das barreiras derivadas da escrita em língua portuguesa (Villarino Pardo, 2012). O fato de serem o inglês e o espanhol as línguas para as quais se traduzem esses textos dá importantes pistas da orientação de públicos e mercados-alvo<sup>28</sup> (de modo direto ou como mediadores para outros) para os quais se pretende orientar a produção literária brasileira num dado momento.

O sistema mundial das traduções é considerado como “um conjunto de relação fortemente hierarquizadas cujo funcionamento revela vários mecanismos gerais” (Heilbron/Sapiro, 2008, p. 29, tradução nossa). Dos dados estatísticos derivados das análises destes pesquisadores em relação ao mercado mundial, deduz-se que, aproximadamente, a metade dos livros traduzidos procedem do inglês que, ocupa a posição mais central do sistema, “hiper-central”. A seguir, aparecem o francês e o alemão, que representam 10 e 12%

27 Cf. [http://www.bn.br/portal/?nu\\_pagina=123](http://www.bn.br/portal/?nu_pagina=123); <http://www.machadodeassismagazine.bn.br/new/index.php>, com especial ênfase para o editorial do número 1 da revista, assinado por Galeno Amorim, na altura, Presidente da FBN: <http://www.machadodeassismagazine.bn.br/new/about-sobre.php?edicao=Edi%C3%A7%C3%A3o%2001>.

28 Se, em 2012, os três principais mercados-alvo do *Projeto Brazilian Publishers* (que pretende posicionar a produção editorial brasileira a nível internacional) foram Angola, Colômbia e Estados Unidos, na renovação do convênio em janeiro de 2013 explicava-se que: “Em 2013 e 2014, a promoção estará focada nos seguintes mercados alvo: Alemanha, Chile, Colômbia, Coreia do Sul, Estados Unidos, França e México” (<http://www2.apexbrasil.com.br/aproximar-compradores/noticias/apex-brasil-e-cbl-renovam-projeto-brazilian-publishers->).

do mercado mundial das traduções e ocupam, portanto, uma posição central. Encontramos, depois, oito línguas que somam entre 1 e 3% desse mercado internacional, numa posição considerada “semi-periférica”. Entre elas, o espanhol e o italiano. E, em posição “periférica” outras línguas que não atingem 1% desse mercado (chinês, árabe, japonês etc.).

Esta estrutura hierarquizada permite estabelecer uma série de generalizações na circulação internacional de textos. De modo geral, os fluxos de tradução vão do centro para a periferia, mais do que ao contrário; e os movimentos entre línguas periféricas passam, em numerosos casos, pela intermediação de um centro (Heilbron/Sapiro, 2008, p. 30). Os dois pesquisadores assinalam também que quanto mais central é uma língua, mais tem a capacidade de funcionar como língua de mediação. E acrescentam :

Enquanto os países dominantes exportam bastante seus produtos culturais e traduzem pouco para sua língua, os países dominados exportam pouco e importam muitos livros estrangeiros, especialmente para tradução. (Heilbron/Sapiro, 2008, p. 30, tradução nossa.)

A partir das suas análises compreendemos melhor algumas referências que detectamos em vários discursos da mídia e de determinados agentes do sistema literário, nomeadamente para explicar os recentes fluxos do mercado literário brasileiro a nível internacional e o lugar comum de que no Brasil se consome mais literatura traduzida do que aquela que atravessa as “alfândegas” para o exterior.<sup>29</sup>

Quando esses produtos literários funcionam no ex-

29 Silviano Santiago comentava em 2003: “Eis o caso inédito de *exportabilidade* da língua portuguesa, conseguido pelos livros de Paulo Coelho. Desde os anos inaugurais do modernismo brasileiro, a exportabilidade do nosso produto cultural tem sido o ideal almejado pelos artistas da palavra. Alvo almejado e nunca atingido, menos em virtude da qualidade da produção do que da barreira linguística intransponível. [...] As boas intenções artísticas pouco valeram, já que os produtos não bateram à porta de alfândegas e editoras estrangeiras” (Santiago, 2008, p. 81).

terior, fundamentalmente através da via da tradução,<sup>30</sup> seria preciso considerar, como indica Bourdieu, que “o sentido e a função de uma obra estrangeira são determinados pelo campo de recebimento, pelo menos tanto quanto pelo campo de origem” (Bourdieu *in* Sapiro, 2009, p. 30-31, tradução nossa).

Não sendo possível neste trabalho fazer uma pesquisa desse teor para conhecer o campo da literatura brasileira traduzida para o alemão, anotamos algumas observações relativas aos modos e espaços em que alguns produtos literários brasileiros estão circulando neste período, especialmente no período anterior à celebração da Feira de Frankfurt, a partir dos casos analisados na matéria do jornal *O Globo* de S. Velasco.

### Considerações finais

Os trabalhos de Sapiro e Heilbron (2008) mostram como a perda de prestígio ou de poder de um país e da sua língua na cena internacional tem consequências no nível da tradução. Ambos defendem que esses intercâmbios,

se organizam por meio de instituições e de agentes no âmbito de diferentes lógicas políticas (institutos culturais, instâncias de concessão de ajudas, adidos culturais, responsáveis do setor do livro etc.), econômicas (editores, agentes literários) e culturais (tradutores, autores, prêmios literários etc.), não sendo categorias definitivas. (Heilbron/Sapiro, 2008, p. 37, tradução nossa.)

É neste quadro dos movimentos internacionais do mercado editorial e da tradução que se devem entender também parte das dinâmicas recentes do campo literário brasileiro em relação aos novos processos de internacionalização literária.

Num mercado de bens simbólicos, a consideração

30 Pode ver-se, para contraste com um outro estudo de caso, o trabalho de Iolanda Galanes (2012, p. 87-108) sobre o papel da tradução no sistema literário galego.

da língua de origem desses produtos – o português – como uma das “línguas pouco dotadas em capital literário e em reconhecimento internacional” (Sapiro/Heilbron, 2008, p. 34, tradução nossa) faz com que alguns mecanismos de inserção nesse mercado se visualizem em eventos espetaculares que parecem distrair a atenção de “outros focos”.

Podemos entender uma Feira Internacional como a de Frankfurt como um espaço unicamente de trocas econômicas, uma Feira para o mercado editorial, ou mesmo como uma das instâncias que estabelece as coordenadas de um “meridiano de *Greenwich*” literário e editorial hoje;<sup>31</sup> mas concordo com Peter Weidass – responsável pela Feira durante 25 anos – que cada vez se trata mais de um evento de tipo cultural.

Como mostram os trabalhos de Gustavo Sorá (2003) sobre esta Feira do Livro, a distribuição física, por países, nos pavilhões de exposição obedece a regras não inocentes e evidencia o caráter “menos autônomo” de determinados sistemas literários. As feiras como “rituais de publicidade” (Sorá, 2004, p. 60), e com modos próprios de funcionamento, também competem por espaços de poder no mercado editorial internacional.

Talvez seja aí onde se encontre a estratégia para entender estes novos processos do sistema literário brasileiro em relação à sua internacionalização através da participação em feiras internacionais do livro como a de Frankfurt.

Nos últimos anos, com novos cenários derivados de fenômenos de globalização e com a aparição de novos atores internacionais, surgiram outras formas complementares ao exercício da diplomacia. Neste século XXI, o Brasil tem avançado de modo significativo em exercícios de diplomacia cultural e de imagem país.

A “imagem de um país” muda com o tempo e in-

31 Entendo que a Feira Internacional do Livro de Frankfurt representa hoje, em boa medida, aquilo que P. Casanova (2010, p. 119-120) aponta ao refletir sobre a estrutura temporal do espaço literário e explicar a sua ideia de “meridiano” – excessivamente marcada pelo peso da tradição e da cultura francesas e do papel de Paris noutros momentos da história.

vestir na *Marca Brasil* foi sendo considerado nesta década uma estratégia integral nos diferentes governos brasileiros<sup>32</sup> para obter bons resultados turísticos, comerciais e culturais ao fortalecer a posição do país a nível internacional e vender a imagem de conjunto do país como “confiável” (Araya, 2005).

Se entendermos que uma Feira como a de Frankfurt é um espaço privilegiado de disputas não apenas num espaço literário mundial e observarmos – entre outras estratégias – a participação destacada do Brasil em Feiras internacionais do Livro a partir de princípios semelhantes a como é entendida a organização de eventos como a Copa do Mundo de Futebol em 2014 no Brasil ou as Olimpíadas no Rio de Janeiro em 2016 talvez consideremos que se trata de ações com implicações importantes para as políticas públicas e privadas do livro, da leitura e da cultura no Brasil, e, de modo significativo, no papel que a literatura e a cultura adquirem para o Brasil como *bens* e como *ferramentas* (Even-Zohar, 2007-2011), num equilíbrio entre as perspectivas nacional e (transnacional/) internacional.

32 O processo para criar uma marca Brasil iniciou-se em 2002, ainda no governo de Fernando Henrique Cardoso; continuou no governo de Lula e no atual de Dilma Rousseff. Aqueles países que acreditam na estratégia de uma marca país entendem que isto significa um acréscimo de valor (um prestígio internacional) aos seus produtos, às suas empresas e às suas instituições. [http://efuturebrand.lampdev.cmgrp.com/images/uploads/studies/cbi/CBI\\_Latinoamerica\\_2013.pdf](http://efuturebrand.lampdev.cmgrp.com/images/uploads/studies/cbi/CBI_Latinoamerica_2013.pdf)

## Referências

- ANTÔNIO, J. Com um autor de livros de bolso-1. Última Hora. 3/7/1976  
 \_\_\_\_\_. Isto É. 12/05/1982.
- ARAYA, J. M. Aportes para la implementación de la Estrategia Marca País Argentina: Planos inteex, 2005. Acessível em : [http://www.marcaargentina.gov.ar/documentos/estudios/Parte\\_1.doc](http://www.marcaargentina.gov.ar/documentos/estudios/Parte_1.doc). Último acesso: 30/12/2013.
- BOURDIEU, P. Les conditions sociales de la circulation internationale des idées. In: Sapiro, G. (org.). L'espace intellectuel em Europe: De la formation des États-nations à la mondialisation. XIXe-XXe siècle. Paris: La Découverte, 1989 (2009). p. 27-39.
- CASANOVA, P. La république mondiale des lettres. 2ª edição [Édition revue et corrigée]. Paris: Seuil, 2008.  
 \_\_\_\_\_. Le méridien de Greenwich, réflexions sur le temps de la littérature. In Lionel Ruffel (org.). Qu'est-ce que le contemporain?. Nantes: Éditions Cécile Defaut, 2010. p. 113-146.  
 \_\_\_\_\_. La guerre de l'ancienneté ou il n'y a pas d'identité nationale. In Pascale Casanova (org.). Des littératures combattives: L'internationale des nationalismes littéraires. Paris : Raisons d'agir, 2011. p. 11-31.
- CONTI, M. S. A hora e a vez do homem sem nome. Piauí 74, novembro 2012. Acessível em: <http://revistapiaui.estadao.com.br/edicao-74/questoes-romancescas/a-hora-e-a-vez-do-homem-sem-nome>.
- COZER, R. Interesse estrangeiro leva editoras a ampliar catálogo de ficcionistas nacionais. Folha de São Paulo, 14/02/2013. Acessível em: <http://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/1230133-interesse-estrangeiro-leva-editoras-a-ampliar-catalogo-de-ficcionistas-nacionais.shtml>. Último acesso: 11/01/2014.
- EVEN-ZOHAR, I. Polisistemas de Cultura. Tel Aviv: Universidad de Tel Aviv – Laboratorio de investigación de la cultura. 2007-2011. Acessível em: [http://www.tau.ac.il/~itamarez/works/papers/trabajos/polisistemas\\_de\\_cultura2007.pdf](http://www.tau.ac.il/~itamarez/works/papers/trabajos/polisistemas_de_cultura2007.pdf)
- FEITH, R.; FERRONI, M. Granta 9: Os melhores jovens autores brasileiros. Rio de Janeiro: Objetiva, p. 5-9, 2012.

- FUNDAÇÃO INSTITUTO DE PESQUISAS ECONÔMICAS DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO. *Produção e Vendas do Setor Editorial Brasileiro*. 2012, julho. Acessível em: <http://www.cbl.org.br/telas/noticias/noticias-detalhes.aspx?id=2080>.
- GALANES SANTOS, I. La traducción literaria en Galicia a partir del catálogo BITRAGA. In: FERNÁNDEZ, A. et al. *Traducción de una cultura emergente: La literatura gallega contemporánea en el exterior*. Berna: Peter Lang, 2012. p. 87-110. Acessível em: [http://eefuturebrand.lampdev.cmgrp.com/images/uploads/studies/cbi/CBI\\_Latinoamerica\\_2013.pdf](http://eefuturebrand.lampdev.cmgrp.com/images/uploads/studies/cbi/CBI_Latinoamerica_2013.pdf).
- LINDOSO, F. Literatura brasileira no exterior: problema dos editores?. *Blog oxisdoproblema.com.br*. 09/05/2013. Acessível em: <http://oxisdoproblema.com.br/?p=1744>.
- PANSA, K. A primavera do livro brasileiro em Frankfurt. *Jornal do Brasil*. 03/10/2013. Acessível em: <http://www.jb.com.br/sociedade-aberta/noticias/2013/10/03/a-primavera-do-livro-brasileiro-em-frankfurt/#>.
- REIMÃO, S. *Mercado editorial brasileiro: 1960-1990*. São Paulo: ComArte/Fapesp, 1996.
- SAPIRO, G.; HEILBRON, J. La traduction comme vecteur des échanges culturels internationaux. In: Gisèle Sapiro (dir.). *Translatio: Le marché de la traduction en France à l'heure de La mondialisation*. Paris: CNRS Éditions, 2008, p. 25-44.
- SAPIRO, G. Mondialisation et diversité culturelle: les enjeux de la circulation transnationale des livres. In: \_\_\_\_\_. (dir.). *Les contradictions de La globalisation éditoriale*. Paris: Éditions Nouveau Monde, 2009, p. 275-302.
- SILVA, D da. O escritor e seu compromisso social. In: RÖSING, T. M.; AGUIAR, V. T. de (orgs.). *Jornadas Literárias: O prazer do diálogo entre autores e leitores*. Passo Fundo: Prefeitura Municipal de Passo Fundo-Universidade de Passo Fundo, 1991, p. 22-36.
- SORÁ, G. *Traducir el Brasil: Una antropología de la circulación internacional de ideas*. Buenos Aires: Libros Del Zorzal, 2003.
- \_\_\_\_\_. Os editores e a República mundial das letras. As feiras do livro como feito social e como obxecto sociolóxico. *Revista A trabe de ouro*. Publicación galega de pensamento crítico, n. 57, jan-mar, 2004, 57-65.

- VELASCO, S. Brasil para alemão ler. *O Globo*. Prosa & Verso. 11/05/2013. Acessível em: <http://oglobo.globo.com/blogs/prosa/posts/2013/05/11/brasil-para-alemao-ler-496248.asp>. Último acesso: 19/01/2014.
- VILLARINO PARDO, M. C. *Aproximação à obra de Néida Piñon. A República dos Sonhos. (A trajetória de Néida Piñon no sistema literário brasileiro da segunda metade do século XX)*. Universidade de Santiago de Compostela - Servizo de Publicacións, CD-Rom, 2000.
- \_\_\_\_\_. Mercados para a literatura brasileira. In Petar Petrov (org.). *Lugares da Lusofonia*. Lisboa: Colibri, 2010, p. 113-124.
- \_\_\_\_\_. "Literatura brasileira contemporânea: o desafio da exportação". *Revista Romance Notes* 52.2, p. 151-164, 2012.
- WEIDHAAS, P. *Una Historia de la Feria de Francfort*. México: Fondo de Cultura Económica, 2012.
- WEISSE, C. Diversidade literária brasileira em destaque na lit. Cologne. *Deutsche Welle*. 17/03/2013. Acessível em: <http://www.dw.de/diversidade-liter%C3%A1ria-brasileira-em-destaque-na-litcologne/a-16682001>. Último acesso: 12/01/2014.